

A REVISTA PINDORAMA DA BRIGADA MILITAR COMO FONTE HISTÓRICA

Amanda Siqueira da Silva*

RESUMO: Este artigo é parte inicial da pesquisa de mestrado na qual a Revista Pindorama da Brigada Militar é objeto de análise. O impresso revista se individualiza diante das demais formas de impressos periódicos, já que suas informações são bastante amplas e na maioria das vezes com um público específico, como o caso da Revista Pindorama, que surge em 1926 e é editada por integrantes da Instituição. A Revista teve um total de 31 edições, circulou por todo o Rio Grande do Sul, assim como teve exemplares distribuídos para os comandos policiais dos demais Estados brasileiros.

Palavras - chave: Pindorama. Brigada Militar. Renovação.

ABSTRACT: This article is early part of the master's research in which the Journal of the Military Brigade Pindorama is analyzed. The printed magazine is individualized on the other forms of printed journals, since their information is quite broad and most of the time with a specific audience, as the case of Pindorama Magazine, which appeared in 1926 and is edited by members of the institution. The magazine had a total of 31 editions circulated across the Rio Grande do Sul, and had copies distributed to the police commands from other Brazilian states.

Keywords: Pindorama. Military Brigade. Renewal.

I. Renovação da História Política

A História Política após algumas décadas de marginalização e descrédito teve um retorno com força total, já que ficou evidente que o econômico, assim como o social por si só não se explicam, aspectos que tanto foram valorizados pelos annalistas a partir do momento em que fundam a revista *Annales d'histoire économique et sociale* em 1928. Esta seria difusora de uma abordagem nova e interdisciplinar da história, assim como uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica e que tinha

* Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo. E-mail: sigamanda@yahoo.com.br. Este artigo inicialmente foi apresentado no II Seminário de História Política: Olhares além das práticas. Promovido pelo grupo de trabalho de História Política da ANPUH-RS em Rio Grande nos dias 16 e 17 de junho de 2011. Após revisão, teve algumas alterações.

como preocupação a questão do método no campo das ciências sociais. Seria o início de um movimento que acaba por renovar a história e seus métodos.

O Movimento dos Annales com sua renovação de paradigmas trouxe para o campo da história aspectos que até então não tinham sido analisados e também condenou a História Política a anos de marginalização e desconfiança, como descreve Julliard

A história política é psicológica e ignora os condicionamentos; é elitista, talvez biográfica, e ignora a sociedade global e as massas que a compõe, é qualitativa e ignora comparação; é narrativa, e ignora a análise; é idealista, e ignora o material; é ideológica e não tem consciência de sê-lo; é parcial e não o sabe; prende-se ao consciente e ignora o inconsciente; visa aos pontos precisos e ignora o longo prazo; em uma palavra, uma vez que essa palavra tudo resume na linguagem dos historiadores, é uma história factual. (JULLIARD, 1988 apud HILÁRIO, 2006, p. 144).

Febvre e Bloch criticaram a história política por esta centrar-se no estudo do Estado e de suas instituições. Porém este não foi o único fator que contribuiu para a crítica, havia também a historiografia positivista, ou como alguns historiadores denominam a historiografia metódica, que nas palavras de Hilário “trouxe uma contribuição importante para o historiador ao discutir a *veracidade das fontes*, assim como apresentar um *método para a história*”. (HILÁRIO, 2006, p.143, grifo nosso). Rémond (RÉMOND, 2003, p. 13) salienta que há uma história da história e que esta carrega o rastro das transformações da sociedade e, por conseguinte reflete as grandes oscilações do movimento das idéias, sendo assim as gerações de historiadores que se sucedem não se parecem

o historiador é sempre de um tempo, aquele em que o acaso o fez nascer e do qual ele abraça, às vezes sem o saber, as curiosidades, as inclinações, os pressupostos, em suma, a “ideologia dominante”, e mesmo quando se opõe, ele ainda se determina por referência aos postulados de sua época. Existem portanto modas intelectuais ou descobertas cuja sucessão desenha a história da disciplina e a configuração de suas orientações [...]. (RÉMOND, 2003, p.13).

Rémond salienta que a história de fato não vive fora do tempo em que é escrita, ainda mais quando se trata da história política, já que suas variações são resultado tanto das mudanças que afetam o político como das que dizem respeito ao olhar que o historiador dirige ao político. (RÉMOND, 2003, p. 22). O político tem uma consciência própria e dispõe de certa autonomia em relação aos outros componentes da realidade social, não podendo ser assim excluída das diversas análises que se faz da sociedade.

Como nos coloca Rémond, seria “inevitável que o desenvolvimento da história econômica ou social se fizesse às custas do declínio da história dos fatos políticos” (RÉMOND, 2003, p. 14), entretanto há duas ou três décadas há os primeiros indícios de um retorno e com o passar do tempo multiplicaram-se as manifestações de um retorno que veio com força total. A volta ao estudo da cultura política está profundamente ligado às transformações sociais mais amplas, que propiciaram o retorno do prestígio do campo político, e a dinâmica interna da pesquisa histórica. A aproximação da história com as demais ciências, entre elas, a ciência política, a sociologia, a lingüística e a psicologia, abriram novos campos de estudos.

Assim como a

pressão cada vez mais perceptível das relações internacionais na vida interna dos Estados lembraram que a política tinha uma incidência sobre o destino dos povos e as existências individuais; contribuíram para dar crédito à idéia de que o político tinha uma consciência própria e dispunha mesmo de uma certa autonomia em relação aos outros componentes da realidade social. (RÉMOND, 2003, p. 23).

Também podemos observar outros elementos importantes para a renovação da história política (1960-70) que estão relacionados com os estudos das rebeliões políticas e culturais que produziu um tipo de revisão historiográfica, privilegiando estudos sobre movimentos sociais, grupos minoritários e cultura; e nos anos 1980 a substituição da revolução como ação política pela democracia contribuiu para que as atenções voltassem para a história política. Carlos Fico (FICO apud HILÁRIO, 2006, p. 145)

afirma que a história política nunca deixou de ser praticada e que no Brasil esta tem sofrido uma renovação lenta, entretanto há muitos cientistas políticos que tem certa desconfiança e desprezo por aqueles que se definem como historiadores do político.

Jacques Le Goff afirma que a “imagem de uma nova história política, diferente da antiga deve ser dedicada às estruturas, à análise social, à sociologia e ao estudo do poder” (HILÁRIO apud LE GOFF, 2006, p.145). A denominada *nova história política* continua a trabalhar com os mesmos temas: partidos, eleições, guerras, biografias; porém há uma nova perspectiva, com novos métodos: uso da opinião pública, mídia, discurso, etc. Sem dúvida a renovação da história política foi bastante estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas.

A história política se empresta das noções e interrogações das outras ciências e foi o contato com a ciência política que a fez se interessar pelos fenômenos sociais que até então passava despercebido. Com a ciência política,

Conjugando seus efeitos com a sociologia, obrigou o historiador a formular perguntas que renovam as perspectivas: assim, as noções de representação ou de consenso, cujo lugar é conhecido na reflexão política contemporânea, quando aplicadas a experiências antigas, lançam nova luz sobre acontecimentos e fenômenos cujo segredo se julgava ter descoberto e cuja significação se acreditava ter esgotado. (RÉMOND, 2003, p. 30).

Com esta renovação, a história política encontrou um meio mais propício que as estruturas monodisciplinares das antigas faculdades em instituições cuja razão de ser era aproximar especialistas de diversas disciplinas intelectuais. Rémond (RÉMOND, 2003, p. 36) aponta que a história política abraça os grandes números, trabalha na duração, apodera-se dos fenômenos mais globais, procura nas profundezas da memória coletiva, ou do inconsciente, as raízes das convicções e as origens dos comportamentos, a história política descreveu uma verdadeira revolução, esta não é a história excludente que por muito tempo fora renegada.

II. Imprensa como Fonte Histórica

Com o advento do Movimento dos Annales e todo o questionamento que este levantou sobre a História Política e a sua renovação, novos objetos passam a ser buscado pelos historiadores, entre eles o uso da Imprensa como fonte histórica. No Brasil este processo vai ser mais demorado, “na década de 1970 ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil”. (LUCA apud PINSKY, 2005, p. 111).

Dentre os motivos desta insegurança com relação à imprensa, mais especificamente jornais e revistas, encontramos o peso de certa tradição que exercia certo domínio durante o século XIX, que nas palavras de Luca, estava “associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermediário dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante”. (LUCA apud PINSKY, 2005, p.112).

As desconfiças com esta fonte histórica pode ser analisada nas palavras de Ana Maria Camargo, que levanta a questão sobre as “armadilhas” a qual esta pode apresentar para o historiador

A pouca utilização da imprensa periódica nos trabalhos de História do Brasil parece confirmar nossas suposições. Alguns, talvez, limitem seu uso por escrúpulo, já que encontram tão em evidência e abundância as “confirmações” de suas hipóteses [...] A maioria, porém, pelo desconhecimento, pela ausência de repertórios exaustivos, pela dispersão das coleções. Quando o fazem, tendem a endossar totalmente o que encontram, aproximando-se de seu objeto de conhecimento sem antes filtrá-lo através de crítica mais rigorosa. (CAMARGO apud CERONI, 2009, p. 25).

O grande debate se apegava a questão da imparcialidade destes periódicos, pois estes poderiam ser inadequados para a recuperação do passado por serem produções com registros fragmentados do presente, escritos sob o influxo de interesses, paixões, ideologias, entre os mais diversos sentimentos humanos. Não permitiam “captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas” (LUCA apud PINSKY, 2005, p. 112).

As desconfiças relativas à imprensa como fonte histórica perdurou até meados da década de 1970. Uma importante contribuição para desmistificar sobre o uso da imprensa e a sua importância e possibilidades como fonte histórica foi a citação de José Honório Rodrigues em 1968, na obra intitulada *Teoria da História do Brasil*. Nela o autor defende que o jornal é uma das principais fontes de informação histórica, apesar de argumentar que “nem sempre a independência e exatidão dominam o conteúdo editorial (...) uma mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso” estão presentes nos periódicos. (RODRIGUES apud PINSKY, 2005, p. 116).

O historiador e professor francês Jean Glénisson, autor do manual *Iniciação aos estudos históricos*, inspiração para a criação de cursos de introdução à disciplina histórica em diversas universidades pelo Brasil afirmava que os procedimentos críticos dos jornais se revestiam de complexidade desanimadora, o que tornava difícil identificar/saber que “influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado pela publicidade e qual a pressão exercida pelo governo na produção das notícias”. (MORAES apud CERONI, 2009, p. 24-24).

Mesmo com tantas desconfiças e questionamentos sobre o uso da imprensa (jornais e revistas) muitos foram os pesquisadores que se valeram de periódicos como fonte histórica para trabalhos de grande relevância diante do meio acadêmico e com funções de analisar diversos aspectos da sociedade e cultura desta. Podemos salientar Emília Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso e Stanley Stein, assim como os trabalhos posteriores de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, que nos descrevem a pouca utilização de jornais e revistas como fontes de pesquisa histórica:

Os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação (...). A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO e PRADO apud PINSKY, 2005, p. 118).

Também será neste momento que Nelson Werneck Sodré irá publicar seu trabalho sobre a história da imprensa brasileira até os anos de 1960. Giovani Costa Ceroni ainda nos coloca que será diante desse novo quadro, em que o estatuto da imprensa na pesquisa histórica amplia-se e qualifica-se, torna-se quase impossível listar os trabalhos que recorrem à imprensa desde então. Destaca ainda, alguns aspectos metodológicos importantes na pesquisa em jornais, em um esforço de sistematizar procedimentos e análises que se tornaram muito úteis aos pesquisadores que desenvolvem seus trabalhos a partir dessas fontes.

III. A revista Pindorama

A revista Pindorama teve seu primeiro número lançado em abril de 1926, apesar de ser de publicação particular, está evidenciado seu caráter de fundo institucional: uma revista da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Foram 31 edições que circularam entre os integrantes da polícia brigadiana de todo o Estado, assim como entre amigos, anunciantes e comandos dos demais Estados brasileiros até outubro de 1928.

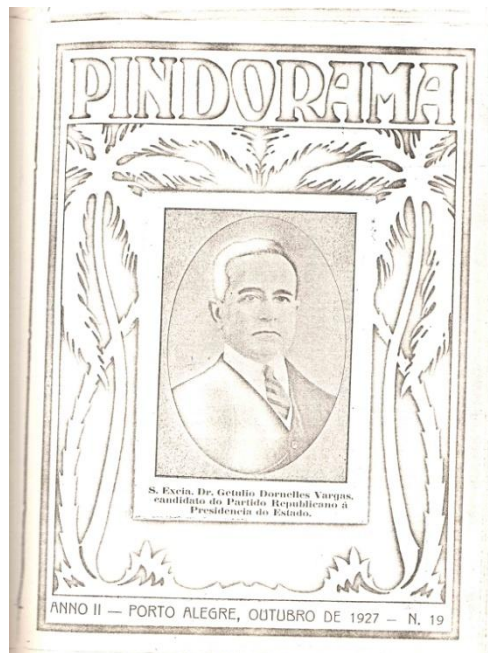
A revista tinha sua periodicidade mensal, era impressa em folha off set 70 gramas, em preto e branco, tendo a capa colorida, que sempre trazia um homenageado. Continha imagens de soldados, de seus familiares, assim como de construções que

tinham como fins ser quartel da Brigada ou repartições desta. Encontramos uma vasta publicidade de medicamentos, assim como de confecções de paramentos militares. A revista tinha como função informar sobre questões militares, assim como ser de cultura e diversão, ficando bastante evidente a preocupação com os fatos ocorrentes em todo o país, assim como com os fatos históricos de relevância para os editores da revista, como, por exemplo, a criação dos monumentos à Mãe Preta

A iniciativa de criação de um monumento à “Mãe Preta” está encontrando apoio incondicional em quase toda a imprensa brasileira. Essa idéia tem a significação de um preito puramente nacional; parece-me que essa homenagem que se quer prestar tem uma justa significação, não só pelo lado moral, como, também, por ser ela uma gratidão aqueles que tantos serviços prestaram na abolição da escravatura, como por exemplo à José do Patrocínio e tantos outros vultos proeminentes (...). (Trecho retirado da reportagem *Bella Inicitiva*, escrita por Mário da Gama – Santa Maria, 4 de maio de 1926, publicada na edição de julho de 1926).

Muitas são as páginas dedicadas à tradução de romances, como por exemplo, *Entre demônios*, um romance sul-americano de Leopoldo Gheri, traduzido pelo Dr. Manoel de Queiróz Mattoso Ribeiro; assim como poemas de poetas consagrados, como no caso de Olavo Bilac, que se destacou como poeta e como defensor da República ao lado dos militares. Os donos da revista são o Capitão Antero Marcellino da Silva Júnior e o Tenente João Martins de Oliveira. A revista em algumas edições conta com um secretário de redação: Aldo Ladeira Ribeiro (posteriormente ficará conhecido como historiador da Brigada Militar).

A revista sempre faz alusão ao passado glorioso da Instituição política que atua a lado do governo republicano, algumas edições chegam a homenagear Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Flores da Cunha e Getúlio Vargas. Assim como integrantes da própria Brigada Militar que estão à frente da polícia ou vieram por meio/por causa desta à falecer. A revista informa seus integrantes sobre as atuações da polícia, assim como seus apoios ao governo e às Forças Armadas.



Pindorama de outubro de 1927, trazendo à capa Getúlio Dornelles Vargas, candidato do Partido Republicano a Presidência do Estado do RS.

Pindorama inclui acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos, humor, jogos, etc; um lauto cardápio que representava querer agradar a diferentes leitores, já que era uma revista e as revistas se consagram no Brasil pelo seu cunho de trazer variedades. Apesar de ser uma revista de circulação entre determinado meio (Brigada Militar) está trazia nas suas páginas informações que tinham capacidade de agradar um público maior, assim como as diversas revistas que circulavam no país neste período.

O debate político não está diretamente explícito nas matérias que a revista traz, mas a maioria de seus colaboradores nas matérias que escrevem, acabam por refletir sobre aspectos políticos, que não tem como serem deixados de fora, já que a revista faz parte do meio social existente.

IV. Considerações finais

Este artigo pretendeu fazer uma reflexão sobre a renovação da história política, assim como a inclusão de novos métodos e objetos de pesquisa, como no caso da Imprensa escrita, que como descreve Luca, registra cotidianamente cada lance dos embates na arena do poder (LUCCA apud PINSKY, 2005, p.128). A história política não se explica por si só, entretanto não há como estudar/analisar os indivíduos na sua dimensão total sem se ocupar da cultura política. Mesmo que não se trate dos heróis, dos grandes homens, é preciso compreender este contexto para uma análise global, o econômico e o social estão extremamente ligados com o político.

Houve uma renovação na história política, uma renovação de métodos e assim é com as diversas correntes históricas, parafraseando Rémond, já que cada época faz determinadas perguntas ao passado, as quais refletem os problemas, as experiências e as perplexidades em que o presente se debate. A riqueza da fonte periódica e suas múltiplas possibilidades de abordagens possibilitam ao historiador compreender o contexto da política no país, assim como as influências externas que este sofre.

Ao longo de nossa história, muitos foram os momentos em que a imprensa fora silenciada, assim como sabemos que diversos meios de comunicação se posicionavam politicamente, defendendo um partido, uma causa, etc. Como no caso da Revista da Brigada Militar, a Pindorama. Esta apesar de toda variedade que apresenta um olhar mais atento e imparcial, possibilita que se verifique a posição político-partidária de seus editores, assim como de seus colaboradores.

Lucca nos recorda que jornais e revistas não são, na maioria das vezes, obras solitárias, e sim empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. (LUCCA apud PINSKY, 2005, p. 140). As possibilidades que uma revista, como fonte histórica são enormes e possibilitam pesquisas amplas e variadas.

Referências Bibliográficas

CERONI, Giovani Costa. *A exposição do centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Chiareli, Clarice Pavan. *A imprensa como fonte histórica para o estudo da escola na Primeira República*. Educação e Fronteiras, Dourados, v.1 (2), julho/dezembro 2007, p. 118-137.

DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira nos anos de 1980: experiências e horizontes*. 2^a ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

HILÁRIO, Janaína Carla S. Vargas. *História política – cultura política e sociabilidade partidária: uma proposta metodológica*. História Unisinos, São Leopoldo, 10 (2), maio/agosto 2006, p. 142-153.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PINDORA. Porto Alegre: Andradas, nº 18, 1926-1928. Revista mensal.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003.

ZANOTTO, Gizele. *História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa*. Biblos, Rio Grande, 22 (1), 2008, p. 31-45.